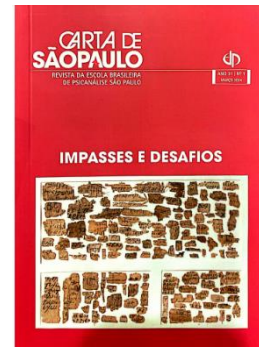


## Decidir não decidir♦

### *O psicanalista e a máquina*

Marcus André Vieira



#### Referência

Vieira, M. A. Decidir não decidir. Carta de São Paulo: Impasses e desafios. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise de São Paulo. São Paulo: março de 2024.

#### Capa e índice

### 0.

Primeiro quero dizer de minhas reações, como leigo, cidadão desse mundo cada vez mais excessivo e menos humano, a nosso momento de civilização. Quero dizer do espanto, que suponho ser o de todos nós com as possibilidades na vida quotidiana do que se convencionou chamar “inteligência artificial” (IA).

Entende-se a IA como a capacidade do computador de mimetizar nossas capacidades. No entanto, essa definição tem seus perigos. Alan Turing abriu esse caminho ao reduzir à inteligência humana à capacidade de realizar o que o homem realiza e fazendo dos resultados produzidos pela máquina o parâmetro fundamental para dizê-la inteligente. Tende-se, porém, a pensar que ela faria tudo o que o humano é capaz, ou quase. Nada disso. Ela faz bem melhor um grande número de coisas e simplesmente nada faz em outros campos.

Melhor tomar a IA a partir da seguinte “equação” que proponho a partir de minha leituras de leigo:

- 1) interface linguística + 2) mobilização de database gigantesca + 3) aprendizado de máquina + 4) predição = ChatGPT (entre outros).

### I.

Desdobro cada uma rapidamente.

- 1) A novidade é ela dialogar conosco em nosso modo de linguagem (que não é a de programação). Já dispunhamos das mesmas respostas no *google*, mas precisávamos garimpar as informações e concatê-las nos mesmos. Agora elas nos são apresentadas em um modo diretamente legível;
- 2) Essa database é o que chamamos rede, nossa web, que é continuamente alimentada por todos nós e que é sempre maior do que podemos sequer imaginar;
- 3) A mimetização do modo de comunicação humano se faz graças a essa base de dados, mas também por tentativa e erro e, graças ao uso que os próprios utilizadores da internet fornecem é possível conceber algoritmos complexos que se retificam quando seus avanços não logram sucesso, aprendem modelos de linguagem (algoritmo capaz de formular

---

♦Este texto reúne os principais elementos apresentados no evento “Diagnóstico em tempos de Inteligência Artificial, Realizado no IPUB-UFRJ, agosto de 2023. Parte desses elementos foram retomados em minha apresentação “Nomear”, no X ENAPOL.

hipóteses e testá-las até o sucesso). E isso se faz seja por articulações complexas ditas “neurais” em uma metáfora antropomórfica que nos seduz;

- 4) Neste plano, em que a máquina é capaz de aprender, já se começa a chamá-la inteligência artificial, mas é a capacidade de predição do evento o mais provável a seguir que completa a definição.

## II.

Os fatores acima foram listados para que pudéssemos pisar em solo comum e lidar com o fenômeno do modo mais prático possível sem as fantasmagóricas que sempre vêm junto com esse tema. Coisas do tipo: a máquina vai dominar o homem, etc.

Os algoritmos se retroalimentam, o que implica que as decisões dos programadores vão se perdendo no processo. Então, é no desempenho das tarefas que veremos os problemas. Os erros se verificam no uso, o que é temerário, se entregamos à IA a pilotagem de aviões, por exemplo, mas, se não o fazemos, como ela poderá aprender todo o necessário?

A IA é a soma de nosso saber, no que ela é óbvia. E também a soma de nossos preconceitos (os dos programadores). Ainda assim, muitos supõem que por conta de uma *Singularidade* que virá em algum momento impreciso, ela será capaz de se tornar humana, realizando a antiga fantasia do autômato perfeito, que prescindiria do mestre.

Assim, ela não é “inteligência”, pois não pensa, no sentido de ter uma consciência. Além disso, não é “artificial”, no sentido em que ela seria apenas virtual.

Ela não é virtual, abstrata, pura energia, pois, para produzi-la, é preciso uma série de elementos concretos feitos à base de metais pesados, além disso, é preciso manter as máquinas ligadas permanentemente para que realizem seus processos. O mito da “energia limpa” desaparece. A IA depende do consumo de reservas naturais. Estima-se, por exemplo, que, para produzir uma rede neural mediana capaz de aprendizado consome-se o equivalente a 150 vôos New Iorque - Pequim, ida e volta.

Finalmente, muitos tentam provar que a realização da fantasia temida – a vitória, o domínio da máquina sobre o homem - nunca acontecerá, destacando “inteligências não programáveis” como o humor e a poesia que seguiriam sendo o apanágio dos humanos para sempre. Será?

## III

Quero interrogar mais uma fantasia, a das inteligências não programáveis, que não cessa de ser abalada pelo progredir das máquinas.

Quero trazer aqui o tema da decisão. Vale lembrar do que afirma J. Derrida sobre o ato do juiz, que vale para qualquer decisão: Sempre há um imponderável em toda decisão que ultrapassa os dados do problema. A decisão sempre transcende a situação, ela depende de um salto no escuro. Todos supõem que esse salto só poderá ser dado pelo humano. Será?

O problema não é a IA, mas sim o homem, sempre.

Essas predições prescrevem tomadas de decisão que até então eram reservadas aos humanos. Neste sentido, vale lembrar que Tang Yu, o mais novo CEO da *NetDragon* de Hong Kong, megacorporação de games, é um aplicativo. Ele tomará as decisões pela empresa daqui por diante - em quais países abrir fábricas, quem demitir etc., etc.

O Chatgpt nos interpreta: há, entre nós, um desejo de algoritmo. Poder sem rosto: o “sistema”. São fantasias (fantasmas), bastante humanas que geram tanta repercussão e confusão. São os espectros de nosso tempo:

- 1) A máquina vai querer eliminar o homem.

2) Há competências que podem ser programas para o mal, tal como no filme *O Exterminador do futuro*.

3) Seu poder é sem limites (quando basta desligar a máquina).

Sintetizo uma origem comum para estes fantasmas: a máquina será um *Anjo*. É o espectro do homem melhorado, puro, melhor. Por isso quereria se desembaraçar de nós. Este é o fascínio da IA em mimetizar o homem. Remeto vocês ao episódio *Be right back* da série *Black Mirror*.

#### IV

Gostaria de trazer o modo como o analista lida com as decisões. Remeto vocês ao trabalho de Gilson Ianini que realizou uma pesquisa compilando 1300 relatos de sonhos confinados durante a pandemia do Corona vírus. Gilson treinou a IA para produzir sonhos com bastante eficácia.<sup>1</sup>

Elas seriam capazes de interpretar um sonho?

Depende de como entendemos o que é interpretar um sonho.

Se interpretação equivale a uma chave de leitura, a decisão corresponde a “qual a melhor”, a mais verdadeira. Sim! Mas, e se a interpretação for outra coisa?

Em Freud encontramos os exemplos de sonhos típicos, tais como os sonhos de nudez - sonhos de estar sem máscara. Mas para cada um, nos sonhos coletados por Ianini, os sonhos de nudez se davam com a nudez da máscara durante a epidemia. Estar nu era estar sem máscara.

Tudo, até o sonho, tem uma parte típica e outra única, singular. Há toda uma literatura sobre o típico dos sonhos, especialmente por parte da antropologia etnográfica.<sup>2</sup> A máscara escondia algo mais próprio do que ela mesma. A máscara é a mesma as nudezes são diferentes. A questão é como lidar com o atípico.

#### V

Em um sentido mais radical: elementos típicos, que são invariantes versus o sonho, que tem sempre um ponto cego, umbigo, *objeto a* para Lacan. Ponto por onde o sonho “mergulha do imponderável”, tal como afirma Freud. É nesse ponto em que há mais vida! Insuportável. É a vida nua de Agambem. O gozo, em nossos termos. A máquina reproduz apenas o típico do sonho. No entanto, como toda imagem é do Outro, atípico mesmo só seu ponto cego, umbigo, *objeto a*. É um ponto sobredeterminado, pois diversos fios levam até ele. É encruzilhada, “nó de significantes” nos termos de Lacan.<sup>3</sup>

O que importa não é explicar o sonho, dar a verdade dele, ou dizer o que fazer da vida a partir dele. Mas fazer este ponto cego durar o bastante para que a vida se reorganize (e ele mude de lugar). Para isso é decidir não decidir. “Escolher não escolher”. Disso, seria a máquina, capaz?

Será preciso distinguir na decisão interpretativa dois aspectos:

- 1) Escolher o caminho para poder decidir a direção; (dar a direção)
- 2) Escolher não escolher, ou seja dar lugar.

E finalmente, nomear.

#### VI

O que se escolhe sobre que caminho tomar se refere a uma decisão, mas há também o ato de nomear, dar lugar ao que não há como mudar. De acionar o gozo que mora no umbigo do sonho. Escolher não escolher é decidir colocar alguma coisa no lugar do não definível. Um nome. Lembrando que em uma análise essa dimensão é ainda mais importante porque é o ato de fala do analisante que nomeia e não o do analista.

Concluo com essa indicação de Lacan:

Trata-se (...) de ensinar o sujeito a nomear, a fazer passar para a existência este desejo que está, literalmente, para aquém da existência, e por isto insiste. Se o desejo não ousa dizer seu nome é porque, este nome, o sujeito ainda não o fez existir. Que o sujeito chegue a reconhecer e a nomear seu desejo, eis a ação eficaz da análise. Mas não se trata de reconhecer algo que estaria ali já dado, pronto para ser cooptado. Ao nomeá-lo o sujeito cria, faz surgir uma nova presença no mundo. Ele introduz a presença como tal e, da mesma feita, cava a ausência como tal. É apenas neste nível que a ação da interpretação é concebível<sup>4</sup>

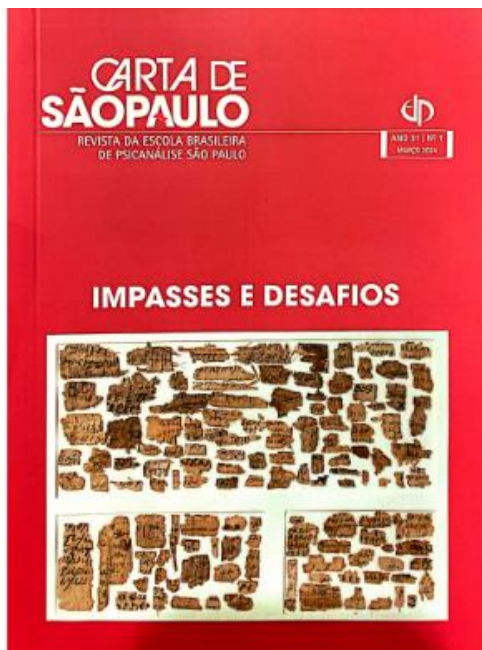
Arriscar nomear é isso. Em vez de decidir o melhor caminho, escolher, situar onde está o ponto que não muda. Esse poder creacionista da análise, de “produzir” um S1, uma nomeação para o que não muda, seria disso a máquina capaz?

<sup>1</sup> Cf. Ianini, G. *Freud no século XXI*, Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2023 (no prelo).

<sup>2</sup> cf. C. Beradt, *Sonhos do Terceiro Reich* e Limulja, H. *O desejo dos Outros Etnografia dos sonhos Yanomami*.

<sup>3</sup> Freud, S. *Edição Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1969, Vol. V, p. 556 e Lacan, J. “Televisão”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 519.

<sup>4</sup> Lacan, J. *O Seminário, Livro 2*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 287.



**DIRETORIA EXECUTIVA DA EBP SEÇÃO SÃO PAULO (2023-2025)**

**DIRETOR GERAL**  
Nivaldo de Oliveira Santos

**DIRETORA SECRETÁRIA-TESOUREIRA**  
Cristiana Chacon Gallo

**DIRETOR DE CARTÊS E INTERCÂMBIO**  
Eduardo C. Benedicto

**DIRETORA DE BIBLIOTECA**  
Camilla Popadiuk

**CONSELHO DELIBERATIVO DA EBP-SP**

Eliane Costa Dias | **Presidente**  
Milena Vicari Crastolo | **Secretária**  
Fernando Del Guerra Prota  
Luiz Fernando Carrijo da Cunha  
Márcia Helena Barbosa  
Valéria Ferranti

**CONSELHO EDITORIAL**

Camilla Popadiuk  
Cristiana Chacon Gallo  
Eliane Machado Figueiredo  
Valéria Ferranti

**COLABORADORES DESTE NÚMERO**

Felipe Bier  
Flávia Corças  
João Lucas Borges Zanchi

**CONSULTORA**

Angelina Harari

**EDITORA**

Camilla Popadiuk

**REVISÃO**

Luciana Lobato

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Katia Regina Oliveira

A *Carta de São Paulo* é uma publicação da Escola Brasileira de Psicanálise Seção São Paulo  
Rua Teodoro Sampaio, 1020, Cj. 1610 | CEP: 05406-050 | Pinheiros  
São Paulo | SP | [www.ebp.org.br/sp](http://www.ebp.org.br/sp)